



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
FACULDADE DE CEILÂNDIA – FCE
CURSO DE TERAPIA OCUPACIONAL

GABRIELE MENESES DE LIMA

**CONCEPÇÕES, VIVÊNCIAS E PRÁTICAS ACERCA
DA PATERNIDADE DE ADOLESCENTES DA
CEILÂNDIA- DF.**

Brasília - DF
2018

GABRIELE MENESES DE LIMA

**CONCEPÇÕES, VIVÊNCIAS E PRÁTICAS ACERCA
DA PATERNIDADE DE ADOLESCENTES DA
CEILÂNDIA- DF.**

Trabalho de Conclusão de
Curso apresentado à Universidade de
Brasília – UnB – Faculdade de
Ceilândia como requisito parcial para
obtenção do título de bacharel em
Terapia Ocupacional.

Professor orientador: Dr.
Vagner Dos Santos

Brasília - DF
2018

GABRIELE MENESES DE LIMA

**CONCEPÇÕES, VIVÊNCIAS E PRÁTICAS ACERCA
DA PATERNIDADE DE ADOLESCENTES DA
CEILÂNDIA- DF.**

Trabalho de Conclusão de
Curso apresentado à Universidade de
Brasília – UnB – Faculdade de
Ceilândia como requisito parcial para
obtenção do título de bacharel em
Terapia Ocupacional.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Ms. Vagner Dos Santos
Universidade de Brasília

Cristhiane Oliveira

Aprovado em: _____

Brasília, 26 de junho de 2018.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus pais, Moisés Paula de Lima e Zenaide Maria de Meneses Lima, que sempre estiveram ao meu lado, oferecendo todo o suporte, carinho, apoio, compreensão, para que eu chegasse ao fim da graduação. Apesar do clichê da frase, preciso reafirmar, sem vocês dois eu nada seria. Sou eternamente grata ao amor de vocês.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por toda sua bondade, e por nos cuidar nos mínimo detalhes.

A minha família, meus pais Moisés e Zenaide, meu irmão Luiz Henrique, e meu primo/irmão Pedro, por todo o cuidado e suporte me oferecido até aqui e por me fazerem tão feliz.

As minhas queridas amigas, Jeovana e Tamylla, por me permitirem compartilhar tantos bons momentos por todos esses anos de amizade.

A Universidade de Brasília, que mesmo com tantas questões, me ofereceu inúmeras oportunidades de aprendizado, que enriqueceram não somente minha vida acadêmica, mas pessoal também.

As minhas tão acolhedoras amigas, Pâmella, Flávia, Luísa e Manu, pela oportunidade de viver e compartilhar esse turbilhão de experiências da graduação juntas. Espero poder compartilhar de nossa amizade por toda a vida.

Aos demais colegas de turma, por todas as trocas e vivências.

Aos professores do colegiado de Terapia Ocupacional, por todo o aprendizado que levarei para todo o sempre.

E por fim, mas não menos importante, ao meu orientador Vagner Dos Santos, por desde o segundo semestre da graduação, ter me inspirado a ser cada dia uma aluna melhor, por te me apresentado e feito me encantar pelos estudos sobre a saúde mental, por todas as oportunidades de expansão de conhecimento, e por ter me acolhido como orientanda, sempre minimizando minhas angústias, mesmo que talvez inconscientemente.

Minha admiração e gratidão a todos vocês.

RESUMO

LIMA, G.M. **Concepções vivências e práticas acerca da paternidade de adolescentes da Ceilândia- DF.** 2018. Monografia (Graduação) - Universidade de Brasília, Graduação em Terapia Ocupacional, Faculdade de Ceilândia. Brasília, 2018.

As concepções sobre a paternidade, se constroem e modificam-se constantemente ao longo do tempo. A experiência e vivência da paternidade pode ser complexa e conflituosa, e quando pensamos na relação entre paternidade e adolescência, essa experiência pode ser ainda mais complexa. Apesar de sua relevância, estudos sobre a paternidade na adolescência, vem sendo negligenciados. **Objetivo:** Explorar a vivência e concepções acerca da paternidade adolescente de jovens da Ceilândia- DF. **Metodologia:** Estudo qualitativo descritivo, realizado com 6 jovens de uma região administrativa do DF, utilizando-se de entrevista semi estruturada como instrumento de pesquisa. **Resultado:** A vivência da paternidade é tida como positiva, mas também como um sentimento vago e de difícil descrição. A prática de medidas disciplinares, como castigo e palmada foi relatada por todos os jovens. Quando abordados temas referentes à relação parental, é possível constatar certa negligência em relação à educação e criação dos filhos, onde a maioria jovens não moram com as crianças e a figura materna geralmente é a principal cuidadora e responsável pelo cuidado do lar. **Conclusão:** Os resultados possibilitaram a compreensão e reflexão sobre as vivências da paternidade na adolescência e suas complexidades, além da criação de novas possibilidades de pesquisa.

Palavras- Chave: Paternidade. Adolescência. Medidas Disciplinares. Convivência parental.

ABSTRACT

LIMA, G.M. **Conceptions experiences and practices on the paternity of adolescents from Ceilândia-DF**. 2018. Monography (Undergraduate) - University of Brasília, Graduation in Occupational Therapy, Faculty of Ceilândia. Brasília, 2018.

The conceptions of paternity are constantly built and modified over time. Paternity experience and vivency can be complex and conflicting, and when we think about the relationship between parenting and adolescence, this experience may be even more complex. Despite its relevance, studies on parenting in adolescence have been neglected. **Objective:** To explore the experience and conceptions about adolescent paternity of young people in Ceilândia - DF. **Methodology:** A qualitative descriptive study, carried out with 6 youngsters from an administrative region of the Federal District, using a semi-structured interview as a research instrument. **Outcome:** The experience of paternity is considered to be positive, but also comes out to be of a vague and difficult description. The practice of disciplinary measures such as punishment and spanking was reported by all young people. When addressing issues related to the parental relationship, it is possible to observe a certain negligence in relation to education and child rearing, where most young people do not live with the children and the mother figure is usually the main caregiver and responsible for the housework. **Conclusion:** The results allowed an comprehension and reflection about the experiences of paternity in adolescence and its complexities, as well as the creation of new research possibilities.

Keywords: Fatherhood. Adolescence. Disciplinary measures. Parental coexistence.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. REVISÃO DE LITERATURA.....	12
3. JUSTIFICATIVA.....	15
4. OBJETIVOS	16
4.1. GERAL	16
4.2. ESPECÍFICOS	16
5. METODOLOGIA	17
5.1. AMOSTRA	17
5.2. INSTRUMENTOS PARA A COLETA DE DADOS	17
5.3. ANÁLISE DE DADOS	18
5.4. QUESTÕES ÉTICAS.....	19
6. RESULTADOS	20
6.1. PERFIL DOS INFORMANTES.....	20
6.2. CONCEPÇÕES E PRÁTICAS RELACIONADAS À PATERNIDADE E ÀS MEDIDAS EDUCATIVAS E PUNITIVAS	21
6.2.1. O que é ser pai? Concepções sobre a paternidade.....	21
6.2.2. O uso de palavrões e gritos no diálogo com os filhos.....	22
6.2.3. Palmada ou agressão?.....	23
6.3. CONCEPÇÕES ACERCA DO CUIDAR E CONVIVÊNCIA PARENTAL	25
6.3.1. Convivência parental	25
6.3.2. Principais responsáveis pelo cuidado.....	25
6.3.3. Divisão das tarefas do lar	26
7. DISCUSSÃO.....	28
7.1. O que é ser pai? Concepções sobre a paternidade.....	28
7.2. O uso de palavrões e gritos no diálogo com os filhos.....	28
7.3. Palmada ou agressão?	29
7.4. Convivência parental	29
7.5. Principais responsáveis pelo cuidado.....	30
7.6. Divisão das tarefas do lar.....	30
8. NOVAS POSSIBILIDADES DE PESQUISA.....	32
8.1. Transmissão intergeracional da violência?	32
8.2. Influências do machismo e paternidade	33
9. CONCLUSÃO	34
REFERÊNCIAS	35

APÊNDICES.....	38
APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA	39
APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	40
APÊNDICE C- APROVAÇÃO DO PROJETO PELO CONSELHO DE ÉTICA.....	42

1. INTRODUÇÃO

A definição de paternidade não é algo concreto, mas sim uma construção social, visto que cada sujeito a vivencia e experiencia de forma distinta. Segundo Silva e Piccinini (2007), a paternidade engloba aspectos como: comportamento do pai - interação com a criança, cuidados, recreação, apoio à esposa; sentimentos do pai - a satisfação com a paternidade; e/ou a qualidade da relação pai-criança.

As concepções sobre a paternidade, se constroem e modificam-se constantemente ao longo do tempo. Tal construção, se dá em partes pela significativa mudança nos papéis sociais e ocupacionais que são atribuídos a homens e mulheres em seus contextos familiares e sociais. Parte dessa transformação, pode ser baseada em algo que vem se revolucionando a cada década: o equilíbrio e até mesmo a inversão de papéis socialmente impostos que eram exclusivamente de homens, como por exemplo, o papel de único ou talvez principal provedor das finanças da casa, o que tangenciavam a uma negligência de outros papéis domésticos, e o cuidado aos filhos (SILVA; PICCININI, 2007).

Como dito, os papéis sociais historicamente associados a homens e mulheres, vem se transformando através de novas possibilidades, crenças, valores e principalmente no que diz respeito às ações esperadas para pais e mães em seus contextos sociais e familiares (SILVA; PICCININI, 2007). A estrutura e a organização dos arranjos familiares estão constante mudança em nosso meio social, com certa inclinação à maior equivalência nas relações (LEVANDOWSKI, 2001).

Quando pensamos na relação entre paternidade e adolescência, essa experiência pode ser ainda mais complexa. Dessa forma, compreende-se que estudar as concepções da vivência da paternidade de adolescentes é de grande relevância, tanto pelas implicações sociais dessa vivência, quanto pelas implicações sociais, culturais e ideológicas dessa experiência (LUZ; BERNI, 2009).

Segundo Sawyer et al (2018), a adolescência é compreendida entre o período de 10 a 24 anos de idade, já que a transição para a vida adulta, vem se postergando, devido ao adiamento da conclusão dos estudos, e da aquisição de novos papéis.

Apesar de sua relevância, estudos sobre a paternidade na adolescência, vem sendo negligenciados. Um estudo de Levandowski (2001), baseado em consultas exploratórias em uma base de dados internacionais (Psyclit), averiguou um limitado e reduzido número de artigos focados no tema da paternidade na adolescência. Entretanto, tal ausência de estudos contrapõe o significativo aumento do número de gestações

durante a adolescência em todo mundo (LEVANDOWSKI, 2001), principalmente em países emergentes, considerando a instabilidade financeira, baixo nível de escolaridade, abandono familiar e falta de acesso à informação (CARVALHO; MERIGHI; JESUS, 2009). A carência de estudos que abordem o tema da paternidade, pode ser explicada pelo modelo de organização familiar da sociedade brasileira atual, onde geralmente a ideologia da participação materna no cuidado direto a criança é muito maior, quando comparada ao papel social do homem para com a criança dentro do contexto familiar (MEINCKE; CARRARO, 2009).

A partir da subjetividade dessa vivência, e da curiosidade sobre atribuições e atividades realizadas por pais que tem entre seus papéis ocupacionais a paternidade, e quantidade reduzida de estudos sobre o tema, surgiu o tema desta pesquisa.

2. REVISÃO DE LITERATURA

Segundo algumas revisões literárias (SILVA; PICCININI, 2007), a vivência da paternidade foi indescritivelmente influenciada pela família nuclear burguesa, que tinha como alguns de seus valores, a divisão clara dos papéis sexuais, relacionando o pai a uma figura que representava autoridade e lei para os filhos e os demais familiares, além do papel e único provedor financeiro da família.

"O modelo de família, organizado com base na hierarquia, regido pela severidade de princípios, é substituído por formas diferenciadas de organização, sem deixar lugar para o autoritarismo do antigo pai provedor, que exercia domínio sobre o grupo." (GOMES; RESENDE, 2004, p. 119). Tal afirmação nos faz refletir sobre a submissão e inferiorização da figura materna e feminina, já que enquanto a figura paterna era relacionada ao autoritarismo e manutenção do lar, a figura materna sempre foi relacionada aos cuidados da casa, serviços domésticos, e claro, o cuidado aos filhos, ressaltando sempre uma postura submissa e abaixo da figura paterna (GOMES; RESENDE, 2004). Porém, o arranjo e o funcionamento das famílias, estão em franco processo de modificação em nossa organização social atual, com inclinação a maior simetria e igualdade entre os gêneros, e conseqüentemente nas relações interpessoais (LEVANDOWSKI, 2002). O novo papel da mulher na sociedade moderna, tem grande impacto sobre as concepções sobre a paternidade, visto as mulheres, assumiram papéis historicamente só recorrentes a homens até então. Segundo Medrado e Lyra (1990, p. 151), "a maior participação das mulheres na vida pública, deve corresponder maior participação do homem na vida privada: responsabilidade pela vida sexual e reprodutiva, criação dos filhos e partilha das atividades domésticas", logo, devido aos crescentes índices de mulheres assumindo cargos no mercado de trabalho e com isso conquistando autonomia financeira, tornaram-se comuns distintos arranjos e núcleos familiares, o que também interfere diretamente nas relações interpessoais entre homens e mulheres, o que nos remete há uma maior possibilidade de equilíbrio entre os papéis conjugais e parentais (GOMES; RESENDE, 2004).

Apesar de as perspectivas e vivências sobre a paternidade terem evoluído, ainda é raro achar definições concisas sobre a paternidade, principalmente devido ao fato de não haver uma paternidade construída e definida, mas sim a construção dela, nos remetendo a um constructo extremamente pessoal, e que varia de acordo com a experiência e vivência pessoal de cada sujeito.

Como dito, apesar da paternidade ser considerada um constructo, visto que cada um a experiencia, vivencia e a define de formas distintas, quando pensamos em paternidade na adolescência essa experiência pode ser ainda mais complexa e conflituosa para quem a vivencia.

A adolescência é um período de importantes experiências e vivências que influenciam diretamente na construção de identidade, associada a uma reorganização biológica, cognitiva, emocional e social vivenciadas de formas intensas (ZAPPE; RAMOS, 2010). Para Ariès (1981), adolescência é compreendida como um fenômeno psicológico e social, composto histórico e socioculturalmente, definida no séc. XX, como uma época de mudança entre a infância e a vida adulta. Nessa faixa etária, os adolescentes estão expostos há uma variabilidade de experiências de vida e de demandas sociais e existenciais, logo, todas as experiências tornam-se mais intensas nessa faixa etária. Em contrapartida ao início da adolescência que tem com um de seus marcos, uma intensa reorganização biológica, o final dela, obedece principalmente a fatores socioculturais (BLOS, 1994).

Assim como todas as experiências vividas nessa faixa etária, a paternidade é uma vivência repleta de novas experiências, experiências essas que podem ser complexas e muitas vezes causadoras de conflitos. Dessa forma, a experiência da paternidade não deve ser marginalizada, ou negligenciada, pelo contrário, essa experiência deve ser escutada, para dessa forma possibilitar e oferecer suporte e suprimento das demandas advindas desses jovens, a fim de que sejam capazes de exercer a paternidade de forma efetiva e que influenciem positivamente em suas relações, e principalmente no cuidado aos filhos. (LEVANDOWSKI, 2001).

A paternidade, segundo os moldes da sociedade contemporânea ocidental, é uma construção histórica e relacional, profundamente marcada pelas relações sociais capitalistas e pelas relações culturais de gênero, que ao ocorrer na adolescência, expressará, e ao mesmo tempo, imprimirá na vida do jovem adolescente as marcas dessa sociedade (CORRÊA, 2005 p. 18).

A complexidade da vivência da paternidade da adolescência se intensifica pela dualidade de papéis a serem exercidos: o papel de adolescente; e o papel de pai. (LEVANDOWSKI, 2001). Logo, vivenciar a adolescência e a paternidade concomitantemente, tendem a indicar que tais adolescentes vivenciam mais situações de

estresse, quando comparado a adultos exercendo a paternidade (LEVANDOWSKI, 2001).

A vivência desses eventos estressores, pode influenciar diretamente nas relações interpessoais, no exercer da paternidade, e conseqüentemente, no cuidado aos filhos. Segundo a literatura, "pais adolescentes têm sido descritos como estudantes que apresentavam desempenho escolar pobre, reprovações e interrupção dos estudos, comportamentos delinquentes e alta incidência de uso de álcool e drogas" (LEVANDOWSKI, 2002. p. 83).

A paternidade na adolescência aumenta a ocorrência de abandono da escola, de empregos mal remunerados ou desemprego, de problemas familiares, principalmente com a família de origem da mãe do bebê e de conflitos no relacionamento do casal, podendo levar a altas taxas de separação. A paternidade precoce impediria, ainda, a resolução das tarefas de desenvolvimento esperadas para a adolescência, podendo gerar estresse, ansiedade e comportamentos delinquentes (LEVANDOWSKI, 2002, p. 83).

Os fatores acima citados, podem interferir na vivência da paternidade, na relação pai e filho, podendo atuar como fatores de risco, para atitudes consideradas violência, em relação ao filho, e logo, para uma possível vivência de conflitos.

3. JUSTIFICATIVA

Estudos relacionados a maternidade na adolescência são frequentemente realizados, em contrapartida, a percepção de jovens sobre a paternidade, vem sendo negligenciada. Tal negligência até mesmo no fato de não existirem trabalhos científicos que tragam a definição.

Na temática gravidez na adolescência, pouco se estudou acerca da paternidade precoce, tema que inquieta autores na perspectiva de compreender a vivência desse fenômeno, haja vista a carência de amadurecimento dos pais adolescentes para assumir responsabilidades afetivas, socioeconômicas, de cuidado e proteção da prole (MELO et al., 2012, p. 3).

Segundo Levandowski et al (2001), uma revisão da literatura realizada entre os anos de 1990 e 1999, indicam que o número de estudos realizados a partir da experiência da maternidade é cerca de 3x maior que a partir da paternidade. Tal afirmação tende a ficar mais clara, se resgatarmos o fato de que o pai sempre teve papel secundário em relação ao cuidado com as crianças(LEVANDOWSKI, 2001).

A experiência da paternidade na fase da adolescência é um campo inexplorado em âmbito acadêmico e social, e quando estudada, aparece com o objetivo de preocupação e com uma abordagem de caráter preventiva e talvez até punitivo, carregando vários estigmas (CORRÊA, 2005).

4. OBJETIVOS

4.1. GERAL

- Explorar a vivência e concepções acerca da paternidade adolescente de jovens da Ceilândia- DF.

4.2. ESPECÍFICOS

- Identificar a experiência da paternidade;
- Identificar e compreender as concepções e práticas relacionadas à paternidade e as medidas educativas e punitivas;
- Identificar e compreender as concepções acerca do cuidar e convivência parental.

5. METODOLOGIA

Este trabalho foi realizado através de pesquisa descritiva exploratória qualitativa. Segundo Lakatos e Marconi (2008), as pesquisas exploratórias têm como objetivo a construção de questões com 3 finalidades, sendo elas criar hipóteses, ampliar a familiaridade com o fenômeno, para clarificar conceitos e para possibilitar uma futura pesquisa.

Já o estudo descritivo, segundo Gil (2002), tem como objetivo, descrever características pertinentes a determinados grupos, populações e certos fenômenos.

Segundo Minayo (2001, apud Gerhardt e Silveira, 2009), a pesquisa qualitativa, aborda um universo de significados, crenças, valores, culturas e atitudes e causas, tal abordagem corresponde a uma profunda análise dos processos e fenômenos estudados.

Os dados foram coletados a partir da amostragem Snowball ou Bola de neve, que segundo Vinuto (2014, p. 203), "é uma forma de amostra não probabilística, que utiliza cadeias de referência". Para a coleta seguindo tal amostragem, é necessário determinar informantes chaves, com o objetivo localizar sujeitos com o perfil necessário para a pesquisa, sujeitos esses que localizam e indicam novos sujeitos com o perfil esperado para a pesquisa (VINUTO, 2014).

5.1. AMOSTRA

A amostra foi composta por 6 adolescentes do gênero masculino, que fossem pais de crianças de até 12 anos e possuem até 24 anos de idade, e que residem na cidade satélite Ceilândia.

5.2. INSTRUMENTOS PARA A COLETA DE DADOS

A pesquisa foi realizada através de entrevistas semiestruturadas. Lakatos e Marconi (2008) trazem que as entrevistas se definem como um diálogo que acontece diretamente entre o pesquisador e o entrevistado, o que proporciona ao pesquisador uma fonte formal de dados. Para Gerhardt e Silveira (2009), as entrevistas semi estruturas servem como um guia aos entrevistadores, possibilitando aos entrevistados possibilidades de se aprofundarem em suas respostas. Entre as vantagens da entrevista,

estão seu potencial de adaptação e possibilidade de aprofundamento das respostas, e, consequentemente, maior sensibilidade de análise (BELL, 2008).

As entrevistas foram gravadas e realizadas ao longo de 15 dias, conforme conveniência dos entrevistados, havendo deslocamento da pesquisadora até os locais escolhidos. A entrevista foi composta por 11 perguntas (APÊNDICE A). As entrevistas ocorreram de forma individual visando a privacidade e segurança dos entrevistados e ocorreu em locais que foram acordados visando a conveniência para a pesquisadora e para cada entrevistado.

O processo de coleta dos dados iniciou-se com a divulgação de texto padrão disparado a contatos telefônicos individuais que residiam na região administrativa foco do estudo, Ceilândia. Dessa forma, foram surgindo alguns interessados em participar e colaborar com a pesquisa, seja como participação direta, como entrevistados; ou como informantes, compartilhando contatos telefônicos que se encaixavam no perfil da pesquisa. Posteriormente, foram feitos os contatos com os jovens que se encaixavam no perfil solicitado. Os participantes foram esclarecidos em relação ao objeto da pesquisa, sobre o voluntariado em fazer parte da coleta de dados e sobre a confidencialidade dos dados e a assinatura do TCLE, assim como a permissão a gravação e transcrição das informações coletadas nas entrevistas.

As entrevistas foram gravadas e realizadas ao longo de 15 dias, conforme conveniência dos entrevistados, havendo deslocamento da pesquisadora até os locais escolhidos e aconteceram em sua maior parte, em shoppings de cidades satélites do Distrito Federal, com exceção de 2, sendo uma na UnB-FCe; e outra no local de trabalho do entrevistado, ambos os locais foram de conveniência e escolhidos pelos participantes.

Os participantes foram esclarecidos sobre a possibilidade de desistência da pesquisa em qualquer momento. Após o momento de breves acordos e esclarecimentos, foram orientados a iniciar a entrevista apresentando-se, e logo em seguida, foi dado seguimento a entrevista gravada. As entrevistas tiveram em média, 25 minutos, variando entre 12 e 40 minutos.

5.3. ANÁLISE DE DADOS

A análise de dados foi feita após a transcrição completa das entrevistas. A análise passou por algumas etapas, estruturadas e definidas por POPE e MAYES (2005) como: Familiarização, Identificação, Indexação, Mapeamento e Interpretação dos dados.

Foram criadas algumas categorias para melhor compreensão do estudo:

- Perfil dos informantes
- Concepções e práticas relacionadas à paternidade e às medidas educativas e punitivas.
 1. O que é ser pai? Concepções sobre a paternidade.
 2. O uso de palavrões e gritos no diálogo com os filhos.
 3. Palmada ou agressão?
- Concepções acerca do cuidar e convivência parental
 1. Convivência parental
 2. Principais responsáveis pelo cuidado
 3. Divisão das tarefas do lar

5.4. QUESTÕES ÉTICAS

Conforme a Resolução 466 de 12 de dezembro de 2012 da CONEP (Comissão Nacional de Ética em Pesquisas de 2012), que considera o respeito pela dignidade humana e proteção devida aos participantes de pesquisas científicas que envolvem seres humanos, esta pesquisa compromete-se em respeitar a vontade dos participantes, assim, sendo possível contribuir e permanecer ou não na pesquisa, sendo possível se retirar da pesquisa em qualquer momento.

As entrevistas ocorreram de forma voluntária, mediante a assinatura e concordância com o TCLE (APÊNDICE B).

Todas as informações coletadas permaneceram em sigilo e de posse exclusiva da pesquisadora, estando assim a resguardar confidencialidade das informações obtidas no estudo.

Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética da Faculdade de Ceilândia- UnB, sob o parecer 2.499.026 em 10/02/2018.

6. RESULTADOS

6.1. PERFIL DOS INFORMANTES

A população estudada neste estudo, caracterizou-se por homens, moradores da região administrativa Ceilândia que tinham idades que variam entre 20 e 24 anos, sendo que a média de idade encontrada foi de 22 anos. Todos os participantes possuíam apenas 1 filho e foram pais em idades entre 19 e 22 anos, onde a média de idade dos pais na data do nascimento foi de 20 anos. A idade dos filhos varia entre 2 meses e 4 anos de idade, onde a média é de 1 ano e 7 meses de idade. A maioria dos entrevistados eram separados e não possuíam mais vínculos afetuosos com as mães de seus filhos, sendo que 1 é casado; e 1 está em relação estável. Em relação ao grau de escolaridade todos possuíam ensino médio completo; 2 ensino superior incompleto e apenas 1 participante possuía nível superior completo.

Tabela 1 - Dados dos entrevistados

NOME	ID.	ID.FILHO	ID. EM QUE FOI PAI	ESCOLARIDADE	ESTADO CIVIL
Breno	24 anos	1 ano e 3 meses	22 anos	Superior Incom.	Separado
Davi	22 anos	2 meses	21 anos	E.M Completo	casado
Gabriel	20 anos	2 meses	20 anos	E.M Completo	Solteiro (União Estável)
Davi	23 anos	4 anos	19 anos	Superior Completo	Separado
Luiz	22 anos	1 ano e 7 meses	22 anos	E.M Completo	Separado
Vitor	23 anos	2 anos	21 anos	Superior Incom.	Separado

A ideia central deste trabalho, expressa o tema, “Descobrimos a paternidade e suas práticas”, dessa forma, os resultados e a discussão, serão elencados em 2 categorias, e suas subcategorias, onde as mesmas estarão relacionadas à principal temática envolvida neste trabalho.

6.2. CONCEPÇÕES E PRÁTICAS RELACIONADAS À PATERNIDADE E ÀS MEDIDAS EDUCATIVAS E PUNITIVAS

6.2.1. O que é ser pai? Concepções sobre a paternidade.

Aparentemente, quando questionados sobre o que é ser pai, e sobre o que é a paternidade, a concepção desses pais gira em torno de novas responsabilidades, práticas educativas, hereditariedade e propriedade dos filhos, que assimilam a noção de filho a condição de investimento financeiro, além de ideias positivas e que reforçam os pontos positivos sobre a paternidade, no entanto, observa-se que a noção de paternidade é sempre concluída com um ideia vaga sobre um sentimento de difícil descrição.

"Coisa nova pra mim, mas é uma coisa bem gratificante, apesar que não é uma coisa tão perto, no meu caso, mas é uma coisa bem interessante, curto bastante, é muitos momentos bons, apesar de..., não tem palavras, é meio que, meio que uma coisa assim que não tem como explicar o sentimento que a gente tem." (Breno)

"Paternidade pra mim é criar, tipo, algo que é seu, é uma coisa minha, eu tô criando alguma...é minha filha, no caso, uma coisa que eu gerei. Então, paternidade pra mim...ela agrega muita coisa, por exemplo, do jeito que eu vou educar[...]. Então, paternidade é basicamente isso pra mim, tipo...É uma realização de um sonho" (Davi)

"Ah.. paternidade, eu que acho que é os sacrifícios que você faz, as coisas que você faz pensando naquele ser, porque como eu falei você vive para ele, você vive pensando nele, você vive pensando no que comprar pra ele, você vive pensando no que

ele tá precisando, na educação dele e todos os aspectos pra ele ter uma base pra ele viver." (Luiz)

6.2.2. O uso de palavrões e gritos no diálogo com os filhos.

Alguns entrevistados indicam o uso de palavrões e tom de voz aumentado em momentos de exaltação ou irritação com seus filhos. Ao mesmo tempo, eles relatam importar-se com os impactos destas atitudes. A maior preocupação é que a criança repita tais palavrões, o que eles indicam ser moralmente feio e negativo. Adicionalmente, eles refletem sobre o impacto de tais atitudes sobre a sensibilidade e saúde mental e emocional das crianças.

Quando questionados sobre o uso de palavrões:

“Acho que com relação a isso, pra educar, não é uma boa, uma boa forma, porque, até mesmo porque criança aprende muito rápido as coisas, você fala uma coisa, ela já repete. Às vezes, no momento da raiva eu solto um palavrão, às vezes ele já repete, ele já fica ligado. Eu peço muito, às vezes, nessa parte, falo um palavrão, um porra, alguma coisa assim, ele já aprende.” (Breno)

“Sim né, com certeza. Palavrões principalmente né, porque... é feio né criança falando palavrão, é feio até adulto, né... Mas a gente acaba falando normalmente, pra gente acaba sendo normal, mas pra criança acaba sendo uma coisa muito ridícula né, vc ver uma criança de 4,5,6 anos...”(Luiz)

“Sim, acredito que sim, porque tem toda uma sensibilidade da criança, toda uma inocência e eu acho muito feio, por exemplo, uma criança de dois anos já tá xingando, num...num é legal.” (Davi)

Já quando abordado sobre a efetividade do uso de gritos e aumento do tom de voz:

“Eu já falei mais alto com ele e ele obedeceu” (Vitor)

“E... depende também eu acho que depende também se você dar um grito forte só pra criança parar de fazer aquilo e depois você abaixar o tom pra ir conversando, beleza, mas se você continuar gritando e gritando e gritando... você tá só agredindo a criança mentalmente e psicologicamente né, porque você tá só gritando com a pessoa e ela não tá entendendo.” Luiz

6.2.3. Palmada ou agressão?

Em relação às medidas punitivas, a maioria dos jovens, afirmou já terem usado agressão física como forma de correção e educação, porém, em seus discursos, não aparentam ter a consciência de que suas atitudes são consideradas agressões. Os que relataram não terem se utilizado da palmada, trazem em seus discursos a possibilidade de isso acontecer no futuro, caso julguem necessário. A ideia da palmada sempre vem associada a algo mais brando e que foge do contexto das agressões físicas, e que em algumas entrevistas é percebida como um sentimento confuso e difícil compreensão.

“Umas palmadinhas acho que faz mal a ninguém não, dentro do limite, né... nada de espancar nem nada assim.” (José)

“Quando não tá resolvendo a conversa, a voz alta, você se impor... realmente você dar um grito mais forte, um tapinha.... que não é aquele de agredir criança, que é só um corretivo, e esse corretivo resolve bastante”(Luiz)

Quando questionado sobre a possível diferença entre palmada e agressão:

“Eu acho que depende da força que a pessoa usa, a pessoa pode bater de sandália de cinto com o que for que dependendo da força que ela usar já pode ser agressão, pq pessoa pode até bater com uma vara de cipó se ela não bater com tanta força bastante pra machucar a criança, ela não tá agredindo nem prestando a violência” (Luiz)

“Intensidade, eu acho, sabe... tem que ser de acordo com o que... não sei explicar direito, mas não é quantidade e nem intensidade não...eu só... ah, não sei responder essa pergunta não...” (José)

Também é possível perceber discursos confusos e contraditórios, como podemos ver nos seguintes trechos do mesmo entrevistado.

“eu acredito que as vezes é necessária e às vezes não, mas eu prefiro não vê a minha filha levando palmada” (Davi)

“É, na teimosia, acredito... na birra e ela não entender o que o ‘não’, tipo ela querer...eu entrar numa loja ela querer um brinquedo e eu falar ‘não, a gente não vai comprar’ e ela começar a dar birra. Não que essa birra é...tipo assim, ela tome as palmadas na frente dos outros mas, assim, ela tome essas palmadas depois, em casa entendeu...?! Quando a mãe for corrigir ela. É isso.” (Davi)

6.3. CONCEPÇÕES ACERCA DO CUIDAR E CONVIVÊNCIA PARENTAL.

6.3.1. Convivência parental

Em relação a morar com o filho, 5 dos 6 entrevistados não reside com o filho, sendo que apenas 1 mora com a criança e a esposa. Todos os jovens relatam visitar os filhos, sendo que a frequência de visita varia de quinzenal a guarda compartilhada.

"Eu pego ele um final de semana sim, um final de semana não, de 15 em 15 dias, e às vezes, bem dificilmente, eu vejo ele na semana por conta da rotina do dia-a-dia, mas mais final de semana." (Breno)

"No momento ele mora com a mãe dele mas eu pego ele domingo e fico até terça feira, eu fico com ele 3 dias ela fica com ele 4 ai fica dividido né, mas ele mora com a mãe dele mas passa 3 dias comigo também." (Luiz)

"Ah, eu vejo ela umas 2, 3 vezes por semana. Por enquanto, né, enquanto ela não tá aqui, porque ela mora longe" (Gabriel)

6.3.2. Principais responsáveis pelo cuidado

Em relação as principais pessoas em envolvidas no cuidado, foi percebido que os entrevistados em momento algum foram citados como os únicos e principais cuidadores. Em seus relatos, frequentemente trazem a figura materna ou avós como parte do grupo de principais cuidadores e responsáveis pela educação, ou até mesmo como os principais cuidadores, visto que a maioria dos entrevistados, não mora com os filhos.

"Com relação a educação, é mais voltada pra mãe, como eu passo já um pouco mais tempo longe, então essa parte da educação já fica mais voltada pra mãe dele. Algumas coisas, quando ele está na minha presença, eu corrijo, ensino o que é certo, o que é errado, quando eu tô presente." (Breno)

"É, hoje é só minha esposa. Porque ela tá ainda na licença e... mês que vem ela já volta a trabalhar então vai ser uma moça que a gente não sabe quem é, mas a gente vai fazer um teste. Minha esposa foi exclusi...inclusive, ela foi hoje conhecer o local pra ver onde ela vai ficar, porque ela é muito preocupada quanto a isso. Mas a princípio a gente não conhece bem a mulher que vai ficar com ela." (Davi)

"A mãe dela e a vó dela" (Gabriel)

6.3.3. Divisão das tarefas do lar

Pensando na divisão das tarefas do lar, os 2 entrevistados que possuem relacionamentos estáveis com a mãe de seus filhos, trouxeram em seus discursos que apenas “ajudam” nas tarefas domésticas, mas que as principais responsáveis sempre são as figuras maternas. Parte dos discursos é justificada pelo fato de trabalharem fora e não terem tempo para a realização equilibrada das atividades domésticas. Em contrapartida, afirmam que quando é possível, possuem preferência em deixar suas esposas descansando, enquanto realizam as atividades.

“Assim, a maior parte do meu dia eu passo trabalhando, às vezes eu saio de casa às 06h da manhã, chego às 08h/09h horas da noite porque eu tô treinando pra exercer uma função maior dentro da minha empresa.” (Davi)

“Tipo, tento ajudar na janta...É, pra lavar um banheiro ou então pra dar um banho na neném, ou então segurar a neném pra ela tomar um banho. É...na hora de jantar ela janta primeiro depois eu janto.” (Davi)

“Quando eu estou perto e posso aproveitar o momento, eu deixo mais a minha mulher descansar e fico mais assim, fazendo as tarefas, e não é porque ela fica pedindo pra eu fazer, é porque eu realmente falo pra ela descansar e tomo conta da neném.” (Gabriel)

7. DISCUSSÃO

A discussão dos resultados será feita seguindo a mesma ordem de categorias usadas na apresentação dos resultados.

7.1. O que é ser pai? Concepções sobre a paternidade.

As principais constatações deste trabalho, vão de encontro a demais trabalhos teóricos, como por exemplo, o trabalho de Trindade e Menandro (2002), que constata que a concepção de paternidade geralmente está ligada a ideias e sentimentos positivos. Outra ideia da mesma autora refere-se que recorrente entre as concepções da paternidade, está a noção de provedor, educador e de hereditariedade, que geralmente aparecem congruentes a responsabilidade de um novo papel. Segundo Trindade e Menandro (2002), pais que vivenciam a paternidade, tendem a se adaptar as suas novas rotinas e situações, geralmente evidenciando os pontos positivos dessa nova vivencia, assim como descrito no resultado desta pesquisa, onde os jovens ressaltam tais afirmações.

Outro ponto ressaltado pela autora é que “a paternidade aparece como um sentimento difícil explicitação por mecanismos objetivos, preservando o mistério que o circunda” TRINDADE; MENANDRO, 2002), o que é constatado nessa pesquisa, já que os jovens, frequentemente trouxeram o argumento da paternidade ser um sentimento de difícil descrição.

7.2. O uso de palavrões e gritos no diálogo com os filhos.

Segundo Santos (2017), um estudo realizado nos Estados Unidos, feito com pais e mãe de crianças e adolescentes, constatou a prevalência de 63% agressões verbais proferidas por pais e mães contra seus filhos. As concepções sobre agressão verbal variam e estão relacionadas a escolha conceitual sobre conceitos como disciplina verbal moderada, e disciplina verbal severa.

Assim como observado na pesquisa citada acima, dados parecidos foram encontrados em nossa pesquisa, já que grande parte dos entrevistados, afirmaram já terem usado gritos e palavrões em diálogos com as crianças, mesmo reconhecendo seus impactos sobre a saúde mental de seus filhos.

7.3. Palmada ou agressão?

Segundo Patias et al (2012, p.983), “as práticas educativas são mencionadas como sendo, muitas vezes, fatores de risco ou de proteção para o desenvolvimento da criança e do adolescente”. Para Hoffmann, que se dedicou aos estudos sobre práticas educativas parentais, existem dois modelos de educação que podem ser seguidos pelos cuidadores, sendo eles o modelo de indução, e o modelo coercitivo, onde entram os castigos, utilizando-se da coerção e do afastamento de privilégios. A aplicação de tal disciplina pode preceder a situações e vivências de violência por parte dessas crianças. (PATIAS et al.,2012)

Entre as estratégias coercitivas acima citadas, está a famosa palmada. Segundo Donoso e Ricas (2009), os castigos físicos, são sim considerados como uma forma de violência. Para as autoras, o castigo físico, no entanto, pode-se passar despercebido dentre as práticas consideradas violência pelo senso comum, devido a sua grande tolerância e disseminação dentre a sociedade, onde as próprias crianças podem encarar tal agressão como atitude rotineira e não caracterizada violência.

A palmada foi assunto bastante citados ao longo das entrevistas, sempre justificada com a intenção de educação e correção. Nenhum dos jovens associou a palmada e violência ou agressão, e quando questionados sobre a possível diferença entre as práticas, argumentaram sobre intensidade, motivação e objetos utilizados, como cinto e etc, o que pode ser explicado pela afirmação de Donoso e Ricas (2009, p.89.), que traz que os “limites tolerados de intensidade, frequência e formas do castigo físico educativo culturalmente aceitos são muito variáveis entre grupos sociais e famílias.” A autora ainda traz que as palmadas são concomitante a agressões mais severas, como o espancamento, já que possuem a mesma justificativa, seu papel educativo (DONOSO; RICAS, 2009).

7.4. Convivência parental

Um estudo de Dias e Aquino (2006), relata que quando os pais de uma criança não estão em uma união estável e residindo na mesma casa, prevalentemente, na grande maioria dos casos, a criança irá residir com a mãe ou família materna, ressaltando assim, os dados encontrados nesta pesquisa, onde apenas 1 dos jovens entrevistados mora com sua parceira e com a criança. O que nos remete e confirma um

distanciamento dos pais em relação às responsabilidades e ao cuidado direto para com a criança, já que em grande parte dos casos, independente do tipo de arranjo familiar seguido, é alta a prevalência de pais que não moram com seus filhos, logo, encarregando sempre a figura materna de tal função e responsabilidades (DIAS; AQUINO, 2006).

Luz e Berni (2008), em outro estudo, ressalta que a maioria dos adolescentes dos jovens não reside com a mãe e com a criança, o que dificulta e torna o convívio social ainda mais esporádico.

7.5. Principais responsáveis pelo cuidado

Transformações relacionadas aos papéis sociais estão tornando-se cada vez mais presentes. Essas transformações não estão relacionadas somente ao público masculino, mas também aos novos papéis sociais que vêm sendo assumidos e resgatados pelas mulheres, que em muitos casos, são as principais responsáveis pelos ganhos financeiros da família.

Essas transformações têm raízes em importantes questões sociais que alteraram o contexto no qual as crianças se desenvolvem, entre elas: o movimento feminista e suas exigências de novas definições dos papéis sexuais, o ingresso das mulheres no mercado de trabalho, a flexibilização do papel do homem na instituição familiar, e o aumento do índice de divórcios e de pais que não vivem com seus filhos. (SILVA, PICCININI, 2007, p. 562).

Apesar de tais mudanças, ainda é possível ver intensos traços de uma visão tradicional, em alguns arranjos familiares atuais, considerando ainda a mulher como principal fonte de cuidado aos filhos e ao ambiente doméstico (TRINDADE; MENANDRO, 2002), o que pode ressaltado com os resultados desta pesquisa, já que a maioria dos entrevistados traz a figura materna(mães e avós), como as principais cuidadoras.

7.6. Divisão das tarefas do lar.

Dias e Aquino (2006), em um estudo, afirmam a evidência da divisão das tarefas do lar baseada em questões de gênero, onde as atividades domésticas geralmente e historicamente são de responsabilidade do público feminino, enquanto o público masculino, exerce papel secundário dentro do contexto doméstico, inclusive na realização das atividades domésticas da casa, sempre aparecendo como uma fonte de

“ajuda”, reafirmando a ideia de que por serem homens, não possuem a “obrigação” de realizarem tais tarefas. Afirmações essas que vão de encontro com os resultados dessa pesquisa, já que os dois entrevistados que estão em relações estáveis, trazem em seus discursos a ideia de ajuda dentro do contexto doméstico.

8. NOVAS POSSIBILIDADES DE PESQUISA

Dois temas emergiram desta pesquisa, como novas possibilidades de pesquisa a serem realizadas, sendo elas:

8.1. Transmissão intergeracional da violência?

A vivência de práticas violentas na infância, é um uma razão que em muitos casos, está associada a transmissão de tais atos violentos às próximas gerações (SANTOS, 2017). O mesmo autor, afirma que em um estudo de Simons e Wurtele, foram encontrados dados que reforçam tal transmissão, sendo expressiva a relação entre a vivência da violência e a sua reprodução em relação às gerações seguintes, o que nos remete a um ciclo de acometimento de violência.

Nesta pesquisa, um dos entrevistados ressalta em vários trechos, suas experiências vividas em relação a violência.

“eu fui criado a base da porrada, eu...tudo que eu fazia de errado...porque eu não era gente” (Davi)

Quando questionado sobre a transmissão de tais estratégias disciplinares, e a influência da educação que teve, na educação da filha, o mesmo relata não ter pretensão de realizá-las e transmiti-las, devido a suas experiências negativas.

“se eu for levar ao pé da letra e for querer fazer a mesma coisa que fizeram comigo a minha filha vai ficar vermelha o resto da vida porque eu levei...eu apanhei muito. Muito, muito, muito, muito mesmo” (Davi)

“eu acho que a influência da minha educação não vai ser boa pra ela, então eu tenho que inovar e é o que eu faço hoje, mesmo ela não entendendo nada eu já tento passar as coisas que é certo pra ela.” (Davi)

A partir da contextualização teórica lida, e dos relatos citados acima, novos questionamentos surgiram sobre o tema, o que abre o leque de novas possibilidades de pesquisa.

8.2. Influências do machismo e paternidade

As relações sociais de gênero, tem grande potencial de influenciarem diretamente no exercer da paternidade. Concomitante a ela, o machismo (ainda) também se faz presente em nossa sociedade.

As ideologias impostas a cada gênero, são percebidas até mesmo intra útero, onde a maioria dos pais, tem acesso a informação do sexo da criança. Tal imposição, interfere diretamente na criação dos filhos e logo, na vivência dessa criança. Em muitos casos, o exercer da paternidade tem potencial para consolidar práticas machistas (ALMEIDA; HARDY, 2007)

Em uma das entrevistas dessa é notório a experiência e prática do machismo e da violência, mesmo que disfarçados por opiniões particulares.

“Assim ó... eu acho que assim, como meu filho é um menino, não sendo machista, mas eu acho que como meu filho é um menino, eu acho que o menino tem um pouco mais de resistência à briga, à algum tapinha, alguma coisa assim... Eu não tenho uma menina mas eu acho que se eu tivesse eu tomaria mais... eu teria que dosar isso conforme pra não machucar ela e nem... traumatizar ela psicologicamente, ne porque agressão é uma coisa muito séria, né. Então pro homem é uma coisa natural a agressão, mas na mulher já não é, mulher já é uma coisa totalmente diferente.” Luiz

O mesmo entrevistado quando questionado se haveria diferenças na educação de crianças de gêneros diferentes:

“Sim, com certeza, pq um teria um pouco de diferença né, mesmo que eu não sabendo que tem que ter um pouco de diferença sim, sinceramente.” Luiz

A leitura de referenciais teóricos e a reflexão sobre os trechos acima citados, traz a necessidade e a inspiração para a realização de novas pesquisas, que visem auxiliar a suprir o vazio de pesquisas relacionados ao impacto do machismo a criança de crianças de diferentes sexos.

9. CONCLUSÃO

A primeira conclusão deste trabalho, refere-se a escassa produção de estudos referentes ao tema da paternidade na adolescência, principalmente a partir do ano de 2012, e o impacto disso na investigação das práticas parentais e nas concepções e vivências da paternidade adolescente.

Conclui-se também que a vivência da paternidade é única a cada sujeito, e que por tal razão, merece compreensão e respeito aos sujeitos que a vivenciam. Essa pesquisa constatou, de forma geral, que os jovens entrevistados vivenciam a paternidade, ressaltando seus lados positivos, mas que geralmente apresentam argumentos confusos na hora de defini-la. Em seus discursos, são constantes as afirmações sobre o uso de medidas disciplinares, como castigo, gritos, e palmadas.

Quando abordados temas referentes à relação parental, é possível constatar certa negligência em relação à educação e criação dos filhos, onde a maioria jovens não moram com as crianças e a figura materna geralmente é a principal cuidadora e responsável pelo cuidado do lar.

A realização deste trabalho, permitiu constatações, que instigam a realização de novas pesquisas, a fim de contribuir com a redução da carência de estudos realizados sobre a perspectiva da paternidade adolescente.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Anecy de Fátima Faustino; HARDY, Ellen. Vulnerabilidade de gênero para a paternidade em homens adolescentes. **Rev Saúde Pública**, Campinas, p.565-572, 2007.

ARIÈS, P. (1981). **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

BELL, J. **Projeto de pesquisa: guia para pesquisadores iniciantes em educação, saúde e ciências sociais** – 4ª ed. – Porto Alegre: Artmed, 2008.

BLOS, Peter. **Adolescência: Uma interpretação psicanalítica**. 2. ed. Brasil: Martins Fontes - Selo Martins, 1998. 344 p.

CARVALHO, Geraldo Mota de; MERIGHI, Miriam Aparecida Barbosa; JESUS, Maria Cristina Pinto de. Recorrência da parentalidade na adolescência na perspectiva dos sujeitos envolvidos. **Contexto Enfermagem**, Florianópolis, p.17-24, 2009.

CORRÊA ACP. **Paternidade na adolescência: vivências e significados no olhar de homens que a experimentaram** [tese]. Ribeirão Preto: Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo; 2005. 140 p. Doutorado em Enfermagem e Saúde Pública.

DIAS, Acácia Batista; AQUINO, Estela M. L.. Maternidade e paternidade na adolescência: algumas constatações em três cidades do Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, p.1447-1458, 2006.

DONOSO, Miguir Terezinha Vieccelli; RICAS, Janete. Perspectiva dos pais sobre educação e castigo físico. **Revista de Saúde Pública**, Belo Horizonte, p.78-84, 2009.

DOS SANTOS V. **Explorando as associações entre o uso de diferentes formas de disciplinas e a saúde mental materna e de crianças e adolescentes: Um estudo transversal em contexto de vulnerabilidade social**. Tese (doutorado em Ciências Médicas) – Faculdade de Medicina da Universidade de Brasília (DF). 2017.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (Org.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2009.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. - São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, Aguinaldo José da Silva; RESENDE, Vera da Rocha. O Pai Presente: O Desvelar da Paternidade em Uma Família Contemporânea. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, p.119-125, 2004.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica** – 6ª ed. – São Paulo: Atlas, 2008.

LEVANDOWSKI, Daniela Centenaro. **Paternidade na adolescência: expectativas, sentimentos e a interação com o bebê**. 2001. 215 f. Tese (Doutorado) - Curso de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.

LEVANDOWSKI, Daniela Centenaro. Paternidade na adolescência: uma breve revisão da literatura internacional. **Estudos de Psicologia**, Rio Grande do Sul, p.195-2009, 2001.

LEVANDOWSKI, Daniela Centenaro et al . Paternidade na adolescência e os fatores de risco e de proteção para a violência na interação pai-criança. **Interações**, São Paulo , v. 7, n. 13, p. 77-100, jun. 2002 .

LYRA, Jorge; MEDRADO, Benedito. Gênero e Paternidade nas Pesquisas Demográficas. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, p.145-158, 1990.

LUZ, Ana Maria Hecker; BERNI, Neiva Iolanda de Oliveira. Processo da paternidade na adolescência. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Rio Grande do Sul, p.43-50, 2009.

MEINCKE, Sonia Maria Könzgen; CARRARO, Telma Elisa. Vivência da paternidade na adolescência: sentimentos expressos pela família do pai adolescente. **Contexto Enfermagem**, Florianópolis, p.83-91, 2009.

MELO, Ana Luisa Almeida; MACHADO, Maria de Fátima Antero Sousa; MAIA, Evanira Rodrigues. REPERCUSSÕES DA PATERNIDADE NA VIDA DO ADOLESCENTE. **Revista Rene**, Nordeste, p.8-13, 2012.

PATIAS, Naiana Dapieve; SIQUEIRA, Aline Cardoso; DIAS, Ana Cristina Garcia. Bater não educa ninguém! Práticas educativas parentais coercitivas e suas repercussões no contexto escolar. **Educ. Pesqui.**, Santa Maria, p.981-986, 2012.

POPE, C.; MAYS, N. **Pesquisa qualitativa na atenção à saúde**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2005.

SAWYER, Susan M; AZZOPARDI, Peter S; WICKREMARATHNE, Dakshitha. The age of adolescence. **The Lancet: Child and Adolescent Health**, Australia, v. 2, n. 3, p.223-228, 17 jan. 2018.

SILVA, Milena da Rosa; PICCININI, Cesar Augusto. Sentimentos sobre a paternidade e o envolvimento paterno: um estudo qualitativo. **Estudos de Psicologia**, Campinas, p.561-573, 2007.

TRINDADE, Zeidi Araujo; MENANDRO, Maria Cristina Smith. Pais adolescentes: Vivência e Significação. **Estudos de Psicologia**, Espírito Santo, p.15-23, 2002.

VINUTO, Juliana. Amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, Campinas, p.203-220, 2014.

ZAPPE, Jana Gonçalves; RAMOS, Nara Vieira. Perfil de adolescentes privados de liberdade em Santa Maria/RS. **Psicologia & Sociedade**, Santa Maria, p.365-373, 2010.

APÊNDICES

APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA



Universidade de Brasília- Faculdade de Ceilândia

GUIA DE ENTREVISTA

Homens-Pais de crianças de até 12 anos: Quais são suas atividades e responsabilidade construídas e/ou atribuídas em torno de sua paternidade.

Nome:

Data de Nascimento: Estado Civil:

Quantos filhos? ____ Idades: _____

(I) Como você define paternidade?

(II) O que/qual atividades/ações caracterizam sua experiência de pai?

(III) Quem é responsável pela educação dos seus filhos? Quantas pessoas se envolvem em tal educação?

(IV) Quais estratégias você utiliza para educar seus filhos?

(V) Quais você acha que funciona?

(VI) O que você acredita que influencia negativamente na educação dos seus filhos?

(VII) Como você se comunica com seu/sua filho(a) quando quer corrigi-lo?

(VIII) Você acredita que algumas expressões/palavrões podem prejudicar a educação?

(IX) Você acredita que o uso da força como punição serve para educar?

(X) Acha que isso traz melhorias na educação?

(XI) Durante suas correções, o que você espera como consequência?

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - FACULDADE DE CEILÂNDIA - FCE
CURSO DE TERAPIA OCUPACIONAL

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE

Convidamos o(a) Senhor(a) a participar do projeto de pesquisa “**Os desafios da vida conjugal e de cuidar de crianças**” sob a responsabilidade do Prof. Dr. **Vagner dos Santos**, sendo as estudantes da Universidade de Brasília: **Gabriele Meneses de Lima** e **Pâmella Thays dos Santos Silva** assistentes da pesquisa. O projeto visa entender as interações conjugais e práticas disciplinares de pais e mães utilizadas em contextos domésticos.

O objetivo desta pesquisa é entender como essas práticas influenciam na saúde, comportamento e desenvolvimento de crianças até 12 anos, assim como de seus pais.

O(a) senhor(a) receberá todos os esclarecimentos necessários antes e no decorrer da pesquisa e lhe asseguramos que seu nome não aparecerá sendo mantido o mais rigoroso sigilo pela omissão total de quaisquer informações que permitam identificá-lo(a).

A sua participação se dará por meio de uma entrevista, na sua própria comunidade, com um tempo estimado de 40 minutos para sua realização. Os riscos decorrentes de sua participação na pesquisa são: o desconforto emocional por tratar de assuntos da vida pessoal, o risco de vazamento de informações sigilosas que será minimizado pela realização individual da entrevista e o risco da perda de anonimato que será garantido pela utilização de “nomes fantasias” para os participantes. Além disso, serão seguidas as informações da Organização Mundial da Saúde.

Se você aceitar participar, estará contribuindo com a obtenção de dados que possam subsidiar a elaboração de programas de cuidados das crianças e adolescentes, e apoio aos pais e mães para que implementem estratégias disciplinares não violentas.

O(a) Senhor(a) pode se recusar a responder (ou participar de qualquer procedimento) qualquer questão que lhe traga constrangimento, podendo desistir de participar da pesquisa em qualquer momento sem nenhum prejuízo para o(a) senhor(a).

Não há despesas pessoais para o participante em qualquer fase do estudo. Também não há compensação financeira relacionada a sua participação, que será voluntária. Se existir qualquer despesa adicional relacionada diretamente à pesquisa (tais como, passagem para o local da pesquisa, alimentação no local da pesquisa ou exames para realização da pesquisa) a mesma será absorvida pelo orçamento da pesquisa.

Os resultados da pesquisa serão divulgados na Universidade de Brasília, podendo ser publicados posteriormente. Os dados e materiais serão utilizados somente para esta pesquisa e ficarão sob a guarda do pesquisador por um período de cinco anos, após isso serão destruídos.

Se o(a) Senhor(a) tiver qualquer dúvida em relação à pesquisa, por favor telefone para Vagner Santos na Universidade de Brasília - Faculdade de Ceilândia, no telefone **(61) 3107-8418** disponível inclusive para ligação a cobrar. (Email: vagner@unb.br).

Este projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ceilândia (CEP/FCE) da Universidade de Brasília. O CEP é composto por profissionais de diferentes áreas cuja função é defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos. As dúvidas com relação à assinatura do TCLE ou os direitos do participante da pesquisa podem ser esclarecidos pelo telefone (61) 3107-8434 ou do e-mail cep.fce@gmail.com, horário de atendimento das 14h às 18h, de segunda a sexta-feira. O CEP/FCE se localiza na Faculdade de Ceilândia, Sala AT07/66 – Prédio da Unidade de Ensino e Docência (UED) – Universidade de Brasília - Centro Metropolitano, conjunto A, lote 01, Brasília - DF. CEP: 72220-900.

Caso concorde em participar, pedimos que assine este documento que foi elaborado em duas vias, uma ficará com o pesquisador responsável e a outra com o Senhor(a).

Nome / assinatura

Pesquisador Responsável

Nome e assinatura

Brasília, ____ de _____ de _____.

APÊNDICE C- APROVAÇÃO DO PROJETO PELO CONSELHO DE ÉTICA

UNB - FACULDADE DE
CEILÂNDIA DA UNIVERSIDADE
DE BRASÍLIA



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Os desafios da vida conjugal e de cuidar de crianças

Pesquisador: Vagner Dos Santos

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 79192717.2.0000.8093

Instituição Proponente: Faculdade de Ceilândia - Curso de Terapia Ocupacional

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.499.026

Apresentação do Projeto:

A violência doméstica na educação de crianças era hábito comum, assim como práticas violentas contramulheres e pouca participação da figura paterna na educação dos filhos. O presente projeto baseia-se numa avaliação qualitativa (perspectiva fenomenológica denominada de 'Condensação Sistema de Texto'). Nessa avaliação combina-se análise de documentos e entrevistas para compreender as relações domésticas. Os grupos de sujeitos entrevistados são:

- Mulheres-Mães de crianças de até 12 anos;
- Homens-Pais de crianças de até 12 anos;
- Mulheres-vítimas de violência doméstica.

Objetivo da Pesquisa:

Segundo os autores, "o objetivo principal deste estudo é investigar as relações domésticas, por meio da experiência vivida dos envolvidos".

Os objetivos específicos em relação a cada grupo analisado são:

- "- Mulheres-Mães de crianças de até 12 anos: Quais são as práticas e justificativas no uso de estratégias disciplinares violentas;
- Homens-Pais de crianças de até 12 anos: Quais são suas atividades e responsabilidade construídas e/ou atribuídas em torno de sua paternidade;
- Mulheres-vítimas de violência doméstica: Quais as estratégias –itinerários percorridos para o auto cuidado e proteção, e de seus filhos/as".

Endereço: UNB - Prédio da Unidade de Ensino e Docência (UED), Centro Metropolitano, conj. A, lote 01, Sala AT07/66
Bairro: CEILÂNDIA SUL (CEILÂNDIA) **CEP:** 72.220-900
UF: DF **Município:** BRASÍLIA
Telefone: (61)3376-0437 **E-mail:** cep.fce@gmail.com

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Os riscos associados à pesquisa estão relacionados ao constrangimento em responder questões pessoais e vazamento de informações sigilosas. Segundo os autores, "para garantir a proteção e sigilo dos dados, as entrevistas serão conduzidas de forma individual e prevenindo que outros possam escutar", além de utilizar computadores e gravadores que serão acessados apenas pelos envolvidos na pesquisa. Além disso, os autores seguirão o manual "Putting Women First: Ethical and Safety Recommendations for Research on Domestic Violence Against Women" (WHO, 2011) que incluem as seguintes orientações:

"(i) A preferência por mulheres no processo de coleta de dados: Sendo que nesta pesquisa a coleta de dados será realizada por duas estudantes mulheres.

(ii) O estudo será formatado e apresentado como "Os desafios da vida conjugal e de cuidar de crianças", não tendo como tema central a violência, sendo o termo 'violência' eliminado de qualquer documento de divulgação e/ou do TCLE

(iii) Nunca mais de uma mulher será entrevistada no mesmo domicílio. Assim a seleção dos participantes levará em conta a seleção de pessoas que não se conheçam entre si.

(iv) Entrevistadoras realizarão visitas de retorno, quando a privacidade da entrevistada não estiver garantida no momento da primeira tentativa de entrevista.

(v) Não serão utilizados os nomes das entrevistadas, será usado um nome fantasia;

(vi) E quando necessário, serão oferecidas informações sobre o serviço de atenção básica à saúde de referência."

Os benefícios descritos pelos pesquisadores foi a contribuição que os participantes darão a elaboração de um programa de apoio para pais, crianças e adolescentes para implementação de práticas de disciplina não violentas.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O presente projeto é um Trabalho de Conclusão de Curso de Terapia Ocupacional da FCE/ UnB da aluna Tayná da Silva Oliveira, e sob orientação do professor Vagner Dos Santos. O número de participantes será de 30 participantes, sendo 10 por grupo de estudo.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos os documentos foram apresentados.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não há pendências.

Endereço: UNB - Prédio da Unidade de Ensino e Docência (UED), Centro Metropolitano, conj. A, lote 01, Sala AT07/66
Bairro: CEILÂNDIA SUL (CEILÂNDIA) **CEP:** 72.220-900
UF: DF **Município:** BRASÍLIA
Telefone: (61)3376-0437 **E-mail:** cep.fce@gmail.com

UNB - FACULDADE DE
CEILÂNDIA DA UNIVERSIDADE
DE BRASÍLIA



Continuação do Parecer: 2.499.026

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

BRASILIA, 19 de Fevereiro de 2018

Assinado por:

Dayani Galato
(Coordenador)

Endereço: UNB - Prédio da Unidade de Ensino e Docência (UED), Centro Metropolitano, conj. A, lote 01, Sala AT07/66
Bairro: CEILÂNDIA SUL (CEILÂNDIA) **CEP:** 72.220-900
UF: DF **Município:** BRASILIA
Telefone: (61)3376-0437 **E-mail:** cep.fce@gmail.com

Página 04 de 04